

CONTOS

A CHUVA INCORPÓREA

Por Antonio Maranganha

O forró tá alto. A viagem atrasou. Tou agoniado. Rodoviária de Campina Grande. Zé Siqueira. Prazer. O cabra do guichê não chegou ainda. Quero pegar logo o ônibus para Currais Novos. Tou aqui esperando faz mais de três horas! Quando a hora vai chegar? Viagem entre estados é transtorno toda vez. Ônibus quente, atolado de beradeiro, galinha cagando, bode no corredor. Ah, ter logo o sofrimento pra ter logo o alívio!

Arranja as malas e senta. Olha o relógio.

Putá merda! Duas horas pela frente! Aff, odeio essa rodoviária! Gente conversando alto, rindo alto, reclamando alto. Tudo coisa de matuto! Vamos ver. O que tem de interessante? Uma estudante lendo anatomia comendo uma tapioca recheada, dois mochileiros gringos comprando água e tirando foto, duas velhas falando dos casamentos das filhas.

Interrompido de seus pensamentos. Um mendigo.

- Oi moço, desculpe atrapalhar, mas estou aqui com homildade pra pedir pra você me ajudar com meu tratamento de uma cirurgia nos quartos que fiz mês passado. Qualquer coisa que puder dar vai ser de grande ajuda. Deus te abençoe.

Qué isso? Texto tão decorado que irrita. Vou deixar a irritação com ele agora.

- Qualquer coisa? Então te dou um não, hahahaha.

O mendigo se afasta azogado. Uma mulher passa na frente, num chororô dos grandes. Morena de cabelo cacheado.

Rapaz, é cheinha, mas é boa, muito boa. Ói que pitéu.

A música parou. Ficou feliz. Outro forró. Ficou triste.

Será que ninguém nesse país idiota sabe o significado de som ambiente? É tudo culpa do São João. E a rodoviária de Campina Grande só faz piorar. A dona de preto ainda tá aperreando minha atenção.

Ela tava de óculos escuros. Falava num celular. Mais triste. O pedinte briga com um PM na rodoviária.

Que é isso agora? Agora o pedinte deu pra valente? Tá ficando frio.

Tirou um casaco. Campina Grande é fria. Rearranja as malas e veste.

Putá merda! Essa música não para? Essas velhas não param? Esse mendigo não para?

Tenta arrumar posição agradável. Difícil. Irritadiço. Se mexeu. Se aquietou.

Pronto! Graças a Deus tou confortável agora. Mas a porra dessa mulher ainda tá chorando? Ah, agora tou percebendo, ela está de luto! Toda de preto! ;Mas não, nãããã, não quero levantar! Finalmente achei posição que preste. O conforto do corpo tá dando desconforto no espírito.

Pega a garrafinha de sua mala.

Pois num é mesmo? Tem que ser bondoso! Esse choro já tá demais!

Se levantou. Foi na tapioca. A estudante lia o cérebro humano.

- Moça, me passa um copo descartável por favor.

Encheu e depositou do lado dela. Ela agradeceu. Sorriso quinze anos. Voltou

pro seu lugar. Esquentou um pouco. Chuva forte.

Clima doido da porra! E agora, pra achar aquela?

Nada de o choro terminar.

Ela ainda tá chorando?

O guarda retirou o pedinte. O choro ficou copioso. As pessoas olharam. Não se envolveram. Um homem se afastou. Ela tentou beber, mas as mãos tremiam. Derramou uma parte. Caiu mais água. Brilhos. Relâmpagos. Gritos. Trovões. A rodoviária se encheu. De gente. Um grupo embarcou. Outro desembarcou. Não eram barcos. Voz feminina anunciou os próximos. Português. Espanhol. Inglês. Mais gente embarcou. Mais gente desembarcou. Se aproximou de novo da mulher. Mais água no copo. Ela sorriu com a gentileza. Voltou a sentar. A chuva chorada forte. Uma velha, mais ou menos oitenta, sentou do seu lado. Abriu um copinho de suco. Olhou fixo para ele e começou a falar:

– Sabe, lá em Encruzilhada, de onde venho, mais ou menos sessenta anos atrás, aconteceu uma coisa que ficou na memória de pouca gente, mas não saiu da minha.

Odiava conversa de velho. E que tipo de cidade se chamava Encruzilhada? Para esquecer a chorona, aceitou conversar.

– É? Que massa!

– Não, é triste. Meu pai explicou tudo depois. Uma vez uma mulher apareceu lá e chorou. Uma tristeza tão forte e lágrimas tão fundas que choveu dias na cidade. Até nevar.

– Neve? Em Pernambuco?

Mudou de lugar. Adeus, velha!

Absurdo! Velha doida! Matuta! Burra feito marreta cega.

O pedinte deu as caras de novo. Mal abriu a boca, Zé respondeu:

– Tenho não, perdão!

– Né isso não. Tu nem acreditou na história que contei da mulher. Né mesmo?

Só pode ser piada!

Fixou o olho de raiva no mendigo.

Que doido, parece verdade pra ele!

– Que eu saiba, quem me falou da mulher foi a velha.

Outro lugar. Uma família. Aí veio uma voz fina.

– Juro que é verdade!

Uma criança, mais ou menos dois para três. Pulo e se afastou de costas.

– Fique longe de mim, fique longe de mim!

A mãe também olhou assustada.

Pera. Que tá acontecendo? Como?

Olhou a mulher. O ar esfriava mais.

Não! Não pode ser! Tou doido, só posso tar doido!

Longe dos bancos. Tomar um ar. O pátio de entrada cheio de táxis. Sentou perto. Respirou.

– Não adianta fugir, Zé, ela não pode chorar mais. Ela precisa não chorar mais. Afastou do taxista. Rápido. Rápido.

Finalmente, o moço do guichê! Mas ele também?

- Zé, vai fugir mesmo?

Como estátua. Mobilidade? Uns trombadinhas.

- Se fugir, você vai condenar Campina Grande.

Uma grávida passou por ele.

- Se ficar, vai salvar todo mundo.

Andou para trás lento e lento. Parede. Também chorando. Deslizou ao chão. Pedrinhas de gelo do céu. Granizo. Parabrisas rachados. Uma puta se agachou e enxugou seus olhos.

- Vá lá confortar, Zé. Vá lá confortar. Fale com a mulher, só precisa de conversar, e tem que ser você. Coisa de hora e meia. Nem é muito tempo.

- Por que eu? - pergunta Zé.

Que merda de choro é esse? Tou chorando por quê?

- A chuva vai piorar, vá por mim.

Devagar. A puta ajudando.

- E quem é você?

- Só sou um amigo.

Aqui e ali uma cabeça acenava. Voltou pro banco, se achegou da mulher chorosa.

- Oi! Quer conversar?

- Quem é você?

- Sou só um amigo.

*ANTONIO MARANGANHA (PARAÍBA/RIO GRANDE DO NORTE) - Poeta e contista. Autor do livro de poesias O Monólogo Caramujo (Penalux, 2020) e editor o Blogue do Maranganha (amaranganha.wordpress.com). E-mail para contato: amaranganha@gmail.com.